

Cidade de jornal
– uma leitura sobre o cotidiano em Florianópolis (1960 -1980)

THIAGO J. SAYÃO - UFSC¹

O sol nasce e ilumina as pedras evoluídas
Que cresceram com a força de pedreiros suicidas
Cavaleiros circulam vigiando as pessoas
Não importa se são ruins, nem importa se são boas
E a cidade se apresenta o centro das ambições
Para mendigos ou ricos e outras armações
Coletivos, automóveis, motos e metrô
Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs
A cidade não pára, a cidade só cresce
O de cima sobe e o de baixo desce
A cidade se encontra prostituída
Por aqueles que a usaram em busca de saída
Ilusora de pessoas de outros lugares
A cidade e sua fama vai além dos mares
No meio da esperteza internacional
A cidade até que não é tão mal
E a situação sempre mais ou menos
Sempre uns com mais e outros com menos

(A cidade – Chico Science)

A cidade de Florianópolis passou por significativas remodelações do ambiente urbano a partir da década de 1960, seus espaços foram reformulados tendo em vista a circulação de automóveis que integravam cada vez mais as praias na dinâmica da urbe.

A cidade “ressurge refigurada e estetizada pelo mercado” (turístico), tendendo para a produção de “*imagens cenográficas de lugar*”.² Os meios de comunicação de massa, mais especificamente os jornais (O Estado e A Gazeta) veiculam imagens associando cidade e mulher. Não a mulher romântica do início do século XX cantada por Noel Rosa, mas uma nova mulher, dinâmica e emancipada.

Por outro lado, enquanto as praias eram integradas a cidade³, a população cresceu aceleradamente, imprimindo novas formas de sociabilidade entre os cidadãos. Estudantes universitários protestavam contra a ditadura militar; a polícia reprimia a prostituição; o uso de mini-saia era popularizado; o *rock* invadia os ambientes jovens; os automóveis dinamizavam o trânsito de pessoas nas vias públicas.

Números da cidade

Após a segunda metade do século XX houve um significativo aumento populacional em Florianópolis, principalmente na década de 1970, quando a cidade entrou na *ciranda* de investimentos federais em infra-estrutura, a ponte Colombo Salles (1975) foi um dos resultados destes empreendimentos (um ano depois da ponte Rio-Niterói ser aberta ao público). A era das grandes obras de engenharia ligou, definitivamente, Florianópolis a rede rodoviária nacional⁴.

Tabela 1: População e taxa de crescimento anual de Florianópolis entre 1959 e 1991⁵.

| 1959 | 1959-70 | 1970 | 1970-80 | 1980 | 1980-91 | 1991 |
|--------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
| 98.520 | 3.13% | 138.337 | 3.11% | 187.871 | 2.81% | 254.941 |

Fonte: SUGAI,1994:223.

Apesar da reforma da via de acesso a Florianópolis, seu crescimento estava limitado pelas oportunidades de trabalho oferecido no espaço urbano⁶. Por sua vez, a estagnação econômica foi vencida pelos investimentos públicos em aparelhos de Estado (Instituto Estadual de Educação; Faculdade de Medicina e de Filosofia; Universidade Federal de Santa Catarina; Universidade do Estado de Santa Catarina; Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina, BDE – hoje BESC⁷), que fomentaram a circulação de capital na cidade. Segundo Nereu do Vale Pereira: “a instalação da UFSC - criada em 1960, instalada em 1961 e com movimentação de recursos somente em 1962, em muito superior aos recursos internos - provocou impacto econômico da maior repercussão sobre a sociedade florianopolitana, transformando-se no ponto de partida para mudanças sociais as mais diversas”.⁸ Estas instituições públicas passam a representar um atrativo para uma população migrante qualificada (de classe média) que elegia Florianópolis como local de trabalho, estudo e lazer.

Tabela 2: População não natural do município de Florianópolis em relação a sua população total:

| 1960 | | 1970 | | 1980 | |
|--------|--------------|---------|--------------|---------|--------------|
| Total | não naturais | Total | não naturais | Total | não naturais |
| 97.827 | 16.786 | 138.337 | 30.894 | 187.871 | 67.147 |

Fonte: IBGE, Censo; 1960; 1970; 1980.

Assim, respectivamente, em 1960, 17,16% da população era “de fora”, em 1970, 22,33% e em 1980, 35,74%.

A feminização do espaço urbano: uma nova mulher na cidade ou a nova cidade-mulher?

Só mesmo uma cidade assim, bonita e envolvente como uma mulher apaixonada, é que tem o direito de nos fazer sofrer como estamos sofrendo (...). Sem isso, já teríamos desertado.
(Benjamin Costallat)

Hoje, entre conversas com viajantes surge a comparação entre Rio de Janeiro e Florianópolis, onde são destacadas semelhanças na geografia de montanhas verdes e praias ensolaradas. Por outro lado, assim como Benjamin Costallat usava a metáfora da cidade-mulher romântica para se referir ao Rio do começo do século XX (com seus graves problemas de higiene pública), podemos relacionar Florianópolis dos anos 1960 com a imagem de uma cidade-mulher emancipada, liberta.

A cidade crescia e os automóveis modernos disputavam com os pedestres as estreitas ruelas de sua área central. Porém, em descompasso com os “tempos modernos” do automobilismo, a antiga Desterro⁹ carecia de políticas públicas afinadas com a sinfonia dos motores a combustão. Os engarrafamentos eram comuns na travessia da ponte pênsil Hercílio Luz.

O espraiamento das pistas de rodagem e a verticalização da urbe serviu de cenário para o efêmero espetáculo cotidiano registrado em jornais, que representaram¹⁰ os dilemas de um local em busca do ideal de modernização e beleza. Esta estética revolucionária da

aerodinâmica dos automóveis pode ser comparada ao repertório de embelezamento da mulher moderna, anunciado pelas agências de publicidade nos jornais. “A estética do aerodinamismo forneceu um cardápio desafiador dos valores morais de então: depilação de pernas e axilas, somadas à voga das navalhas Gillette e dos cremes anti-rugas; modismos que acentuam a aversão aos relevos epidérmicos e toda superfície que não seja um convite ao toque efêmero e ao passeio rápido do olhar”¹¹.

Este ideal de beleza era estampado em fotografias de mulheres “brancas” e magras nos jornais, que, misturadas a beleza natural, tomavam banho de sol nas praias da ilha. Enquanto as peles alvas destacavam escolhas de “raça” para afirmar diferenças, o corpo esbelto apontava o ideal de velocidade, símbolo das representações da moderna cidade do futuro. Anne Higonnet assim se refere as escolhas de classe e raça feitas pela publicidade: “Tanto a culturas de massas como a alta cultura procuram estabelecer valores femininos universais, mas também diferenciar as mulheres. Usando táticas visuais (...) reduzia todas as mulheres a objetos de fruição estética equivalentes, mas colocava também as mulheres brancas posição de controle sobre as mulheres de cor”¹².

As mulheres eram apresentadas em espaços abertos e sedutores de um espaço que investia nos atrativos naturais para atrair turistas. Segundo Sant’Anna: “após a Segunda Grande Guerra, a necessidade de momentos dedicados ao “prazer de se curtir” é transformada em promessa banal da mídia, em reivindicação natural e legítima. *Sport, sun, sex and sea* não tardam a formar os “quatro S” das férias consideradas ideais”¹³. Parece que estas férias ideais eram vendidas nos jornais e as mulheres servem como veículo de propaganda e sedução. Sant’Anna nos oferece uma interessante metáfora para percebermos a íntima relação entre representações femininas e o mundo dos automóveis: “quanto mais a sedução feminina se associa ao automóvel moderno, menos ela evoca os recintos fechados e estáticos, cobertos pelo veludo vermelho de cortinas e tapetes, nos quais há sempre um perfume guardado em vidro de cristal sobre a prateleira”¹⁴. Diferente do odor, neutralizado pelo banho de mar e pelas políticas de saneamento público, o olhar era o

sentido destacado. A imagem do corpo feminino limpo e liberto (de biquíni, quase nu) era a imagem vendida nas folhas dos periódicos junto ao ideal de beleza da cidade a beira mar. “A sedução começou a traçar constantes alianças com o gosto pela diversão em competições esportivas, sugerindo o espaço aberto, o dia ensolarado, as embalagens portáteis para cosméticos, a liberdade das saias e cabelos curtos”.¹⁵

Neste sentido, o conteúdo contestatório dos movimentos de “liberação sexual”, dos anos 1960, esvaziou-se nos anúncios publicitários ligados a indústria de cosméticos e, nas apropriações de valores tidos como femininos pela publicidade turística. Segundo artigo no jornal O Estado o empresariado deveria assumir uma verdadeira “mentalidade turística”, “ousada” e “agressiva”, “colocando-se sempre a frente da imaginação corriqueira”.¹⁶ Os valores aspirados pelas mulheres nos anos 1960: dinamismo, mobilidade e eficiência eram igualmente perseguidos pelos empresários do lazer, que procuravam, ao mesmo tempo, se apropriar de uma certa identidade feminina associada a beleza, ao prazer e a leveza.

Os jornais, em sintonia com os projetos de governo e de iniciativas privadas (donos de hotéis, restaurantes etc) agiam como divulgadores de uma “mentalidade machista”. O homem aparecia como consumidor privilegiado da cidade-mulher da publicidade, como nas telas de cinema, onde as mulheres surgiam como forma de prazer visual, objeto do olhar masculino¹⁷. Entretanto, as imagens de uma cidade turística idealizada convivia com os dissabores de um outro lugar, marcado por um progresso incompleto.

O trato a diferença em cenas cotidianas

A história da cidade ocidental registra uma infinidade de batalhas entre a possibilidade civilizada e o esforço de criar poder e prazer através de imagens idealizadas da plenitude. Imagens idealizadas do “corpo” cumprem a função da autoridade, no espaço urbano.

(Richard Sennett)

Os anos 1970 foram tempos de redefinição da identidade catarinense. A pluralidade cultural assumida nos discursos oficiais procurava enquadrar e governar as diferenças entre

uma população distribuída no território de Santa Catarina¹⁸. Florianópolis não estava isolada desta realidade. A reafirmação das tradições açorianas (portuguesas) reforçava a idéia de uma identidade cultural para a cidade.

Esta identidade cultural açoriana foi uma resposta ao sentimento de vazio provocado por uma cultura cosmopolita desterritorializada, que chegava através dos meios de comunicação de massa (incluindo, neste momento, a televisão) e da presença de uma população plural migrante. A afirmação do “açorianismo” assumia a função de se contrapor a uma cultura mundializada, mas também legitimava certos lugares sociais de poder, sustentados pela força de uma certa tradição.

A busca de controle, ordem e limpeza colocou para uma zona marginal discursos e corpos em desarmonia com os ideais e metas de governo. Um território estigmatizado era apresentado como contraponto negativo dos novos tempos. Eram excluídos, para além das cercas simbólicas da cidade ideal, os comunistas, mendigos, meninos de rua, prostitutas, homossexuais e jovens rebeldes. A imagem tradicional de uma cidade açoriana ou o retrato de uma cidade dinâmica e funcional moderna para automóveis e turistas, defrontava-se com as conseqüências do crescimento desordenado da população.

Textos jornalísticos criticavam o “caótico” trânsito do centro da cidade, assim como a permanência de lugares “sujos” de uma cidade anti-moderna, como os cinemas “decadentes” que projetavam filmes pornôis. “Enquanto que municípios do interior possuem cinemas de alta qualidade, confortáveis e bonitos, os nossos mais passam de pequenas espeluncas a abrigar grandes contingentes de pulgas”¹⁹, afirmava-se no O Estado.

Estes cinemas (ao lado da Catedral) faziam parte, segundo um mapeamento feito por Regina Maria Erdmann, dos territórios de prostituição homossexual de Florianópolis da década de 1970. Erdmann enumera outros “pontos” da cidade: “mictório público ao pé da praça principal”; “região do Mercado Público e imediações como o Aterro da Baía Sul em fase de conclusão de ajardinamento”; a “Praça XV e seus arredores”, além de uma série de ruas do centro comercial da cidade. Estes eram locais abertos, sujeitos a repressão policial:

“vários homossexuais (bichas) faziam denúncias de espancamento, seqüestros, sevícias, maus tratos (...). Essa campanha de violência desencadeada contra prostitutas e homossexuais é integrada, segundo as vítimas, por policiais, apoiados ou não por grupos organizados e nas sessões de espancamento esses manifestam sua ideologia de preservação da família, da moral e das tradições”.²⁰ Essas atitudes de intolerância herdadas do começo do século XX, pelas políticas higienistas e por uma certa moral dos costumes, procuravam “limpar” a área central de corpos “doentes” e miseráveis.

Mendigos foram alvo das atenções da Secretaria de Segurança Pública que registrou vinte e cinco pedintes na Praça XV, sendo nove deles “mendigos turistas”. A Secretaria procurava assim “agir” para conter a proliferação de “ociosos” e “acomodados”. É interessante notar que o ócio podia ser valorizado ou combatido dependendo de seu “uso”, podia ser alvo de intervenções governamentais ou incentivado pelo jogo dos negócios lucrativos ligados ao turismo – o ócio enquanto descanso do trabalho.

Por outro lado, a imagem de um espaço urbanizado ordeiro (tranquilo/pacífico) era contestada pelas pichações nos muros que “os operários da Diretoria de Obras Públicas se empenham em apagar”.²¹ Os estudantes eram associados a subversivos comunistas que em nada contribuía para o progresso, ao contrário, “sujavam” a cidade. Contudo, os muros “gritavam” em frase garrafal: “Abaixo a ditadura”.

A cidade era assim ocupada nos final dos anos 1960 por intelectuais e estudantes que procuravam espaços de expressão e cidadania.

Por fim, as representações sobre Florianópolis reforçavam certos valores morais e estéticos que projetavam um espaço urbano ideal voltado ao mercado do turismo. Uma cidade aberta, sedutora, limpa, pacífica e funcional tentava se sobrepôr a uma cidade fechada, caótica, engarrafada e isolada (ilhada). Entretanto, múltiplas culturas desafiavam qualquer identidade local definida. Nesse sentido, procurei, antes de tudo, perceber uma cidade em movimento e em comunicação com o Brasil e com o mundo.

¹ Professor (substituto) do Departamento de História da Universidade Federal da Santa Catarina (UFSC). Mestre em História pela UFSC (História Cultural). Graduado em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. thiagosayao@hotmail.com

² ARANTES, Antonio A. Paisagens Paulistanas – transformações do Espaço Público. Campinas, SP : Ed. da UNICAMP; São Paulo : Imprensa Oficial, 2000.

³ Sergio Ferreira em seu livro “O banho de mar na ilha de Santa Catarina” diz que a partir de 1970 houve uma “popularização” dos banhos de mar em Florianópolis, devido, principalmente, as políticas de incentivo ao turismo. “O banho de mar mudou a configuração da cidade (...), ditou novos trajes, transformou mentalidades e hábitos(...)”. Ver: FERREIRA, Sergio Luiz. O banho de mar na ilha de Santa Catarina. Florianópolis : Ed. Das Águas, 1998. p.19.

⁴ Entre as importantes obras de infra-estrutura que o governo federal realizou entre 1970 e 1980 estão: a pavimentação da BR-101 (ligando o litoral do sul do Brasil), a BR- 470 (ligando o centro ao interior da ilha), o aterro da Baía Sul, a avenida Beira-Mar Norte e outras ligações com as antigas freguesias hoje chamadas de praias e balneários. Ver: Uma cidade numa ilha: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina. CECA (Centro de Estudos Cultua e Cidadania). Florianópolis : Insular, 1996.

⁵ Na década de 1950 a Vila de João Pessoa, atual bairro do Estreito, foi anexada ao município de Florianópolis o que resultou na elevada taxa de crescimento populacional anual (3.83% entre 1949 e 1959). Já o crescimento da cidade na década de 1970 deu-se, principalmente, na direção da área continental, ultrapassando os limites dos municípios vizinhos, iniciando o processo de aglomeração urbana entre Florianópolis, São José, Palhoça e Biguaçu. Ver: SUGAI, Maria Inês. As intervenções viárias e as transformações do espaço urbano – a Via de Contorno Norte-Ilha. 1994. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: USP.

⁶ No período colonial e imperial Nossa Senhora do Desterro (antiga Florianópolis) tinha o comércio marítimo como principal fonte de recursos econômicos (apesar de exportar principalmente farinha de mandioca o porto era mais um local de entreposto comercial). A supremacia do porto da cidade em Santa Catarina durou até os anos 1960, quando o porto em Itajaí substituiu Florianópolis como principal local de escoamento da produção industrial do Vale do Itajaí, paralisando assim boa parte da atividade econômica de Florianópolis. A cidade assume então a função de centro administrativo com uma economia terciária voltada ao mercado interno.

⁷ Ver: FACCIU, Maria da Graça Agostinho. O Estado e a transformação do espaço urbano: a expansão do Estado nas décadas de 60 e 70 e os impactos no espaço urbano de Florianópolis. 1997. Dissertação de Mestrado em Geografia. Florianópolis, UFSC.

⁸ Ver: PEREIRA, Nereu do Vale. Desenvolvimento e Modernização. Florianópolis : Lunardelli, [19 - -]. (p.102).

⁹ Antes de 1894 a cidade de Florianópolis chamava-se Nossa Senhora do Desterro. O nome Florianópolis foi uma “homenagem” ao marechal Floriano Peixoto, na época presidente da jovem república brasileira. A imposição do novo nome serviu como demonstração de força contra os revoltosos da Revolução Federalista (1892-1894) que haviam instalado na ilha de Santa Catarina a sede do Governo Provisório. Ver: Neckel, Roselane. A república em Santa Catarina: modernidade e exclusão (1889-1920). Florianópolis : Ed. da UFSC, 2003.

¹⁰ O sentido atribuído ao título do texto – *Cidade de Jornal* – relaciona-se ao conceito de *representação* apresentado pelo historiador francês Roger Chartier no livro “A história Cultural – entre práticas e representações”. Chartier buscou em Marcel Mauss e Émile Durkheim a noção de “representação coletiva” para rediscutir uma “história das mentalidades”, não sob parâmetros psicológicos, mas para se pensar “uma história cultural do social que tome como objeto a compreensão das formas e dos motivos que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse” (grifo meu) Ver: CHARTIER, Roger. A História Cultural – entre práticas e representações. Trad.: Maria Manuela Galhardo. DIFEL : Lisboa, 1990.

¹¹ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpos de passagem – ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo : Estação Liberdade, 2001. p. 44.

¹² Ver: HIGONNET, Anne. Mulheres, imagens e representações. In.: DUBY, Georges e PERROT, Michelle (orgs.) História das mulheres no ocidente. Vol. 5. O século XX. Porto : Afrontamento, 1991. p. 409.

¹³ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Op. Cit. p. 58.

¹⁴ Idem. p. 45.

¹⁵ Idem.

¹⁶ **O Estado**. Florianópolis, 30/06/1968.

¹⁷ Segundo Kaplan: “A câmara é o meio através do qual o feminino é relegado à construção masculina, de forma que a mulher é impedida de possuir “o feminino”, e até mesmo de descobrir o que o feminino pode vir a ser fora da construção masculina”. Ver: KAPLAN, E. Ann. A mulher e o cinema – os dois lados da câmera. Tradução: Helen Pessoa. Rio de Janeiro : Rocco, 1995. p.110-111.

¹⁸ SAYAO, Thiago J. Nas veredas do folclore: política cultural e identidade em Santa Catarina (1948-1975). 2001. Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis, UFSC.

¹⁹ **O Estado**. Florianópolis, 05/09/1968.

²⁰ AFINAL, ano 1, n.6, outubro de 1980, p.14. In: ERDMANN, Regina Maria. Reis e Rainhas no Desterro – um estudo de caso. 1981. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Universidade Federal de Santa Catarina. p.49.

²¹ **O Estado**. Florianópolis, 04/12/68.